

ESCALA DE PERCEÇÃO DO MEDO: PRIMEIRO ESTUDO DE CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO NA POPULAÇÃO PORTUGUESA

Freitas-Magalhães

Professor Associado

Faculdade de Ciências da Saúde – UFP

Laboratório da Expressão Facial da Emoção

fm@ufp.edu.pt

Joana Batista

Doutoranda em Ciências Sociais – Psicologia

Faculdade de Ciências da Saúde – UFP

Laboratório da Expressão Facial da Emoção

jbatista@ufp.edu.pt

COMO REFERENCIAR ESTE ARTIGO: FREITAS-MAGALHÃES ; BATISTA, Joana - Escala de percepção do medo: primeiro estudo de construção e validação na população portuguesa. **Revista da Faculdade de Ciências da Saúde**. Porto : Edições Universidade Fernando Pessoa. ISSN 1646-0480. 6 (2009) 428-438.

RESUMO

O presente estudo teve como objectivo a construção e validação da Escala de Percepção do Medo (EPM). As qualidades psicométricas da Escala de Percepção de Medo resultaram de cinco estudos efectuados em amostras independentes. Procedeu-se à análise de vinte e seis (26) itens relacionados com o medo e a sua percepção. Os dados foram submetidos à análise por extracção dos componentes principais, método de rotação varimax com normalização Kaiser. A partir da análise de componentes principais obteve-se o índice Kaiser-Mayer-Olkin ($KMO=0.82$) e Scree Plot. Este último revelou a existência de 2 factores, os quais explicam 41,5% da variância, 24% para o primeiro factor. A análise factorial com rotação varimax mostrou que os factores encontrados são compostos por 18 itens.

Os resultados da análise de dados revelam que a Escala de Percepção de Medo (EPM) se trata de um instrumento com boa consistência interna.

PALAVRAS-CHAVE

Medo, percepção emocional, ansiedade social, construção de escala, validação.

ABSTRACT

The aim of this study was to develop and validate the Fear Perception Scale. The psychometric qualities resulted from five independent samples studies. The instrument was initially composed by 26 items. The data were subjected to analysis by extracting the principal components, *varimax* rotation method with *Kaiser* normalization. From the analysis of principal components were obtained by the index *Kaiser-Mayer-Olkin* ($KMO = 0.82$) and *Scree Plot*. This revealed the existence of 2 factors, which explain 41.5% of the variance, 24% for the first factor. Factor analysis with *varimax* rotation showed that the factors found are composed of 18 items.

Analysis of data shows that the Fear Perception Scale is an instrument with good internal consistency.

KEYWORDS

Fear, emotional perception, social anxiety, scale development, validity.

1. INTRODUÇÃO

O que é o medo? Que tipos de medo há? Pode ter-se medo de alguma coisa, pode ter-se medo de fazer alguma coisa, pode ter-se medo de que alguma coisa aconteça, ou, simplesmente, ter medo. Gordon (cit. in Davis, 1987) distinguiu o *medo de que alguma coisa aconteça* e a *experiência de uma situação de medo*. Pode ter-se medo por uma situação real ameaçadora (medo reactivo), ou sentir medo, simplesmente, por pensar (medo cognitivo), sem que esse momento tenha sido experimentado. As diferenças poderão, igualmente, ser observadas nas respostas fisiológicas associadas à situação real de medo, ou à ausência das mesmas, numa vivência cognitiva de medo. O medo poderá, por vezes, estar relacionado com uma distorção do processo cognitivo da informação (Kindt et al., 1997). É uma das emoções mais estudadas, por ser uma emoção cognitivo-reactiva, associada a mecanismos de sobrevivência. O medo poderá ter impacto aos níveis psicológico, psicossocial e cognitivo. E como se mede o medo?

1.1. O MEDO

O medo é uma emoção básica, com determinadas características associadas, tais como a ansiedade, a apreensão, o nervosismo, o pavor, a preocupação (Freitas-Magalhães, 2007). Caracteriza-se pela activação de um estado emocional aversivo que tem como objectivo motivar o indivíduo a enfrentar determinados estímulos ou situações ameaçadoras (Öhman, & Rück, 2007). Embora no senso comum se possam confundir, o medo e a ansiedade distinguem-se exactamente pelo estímulo. Ou seja, na ansiedade, a resposta emocional de aversão é mais duradoura e menos relacionada com um estímulo identificado.

Por outro lado, o medo é uma emoção associada ao perigo, que pode ser extremamente breve mas, também, pode durar um longo período de tempo. A intensidade do medo depende se a ameaça é imediata ou se está pendente (Freitas-Magalhães, 2007).

O medo é controlado por um circuito neuronal específico, que circunda a amígdala (estrutura fundamental nos circuitos emocionais, que se localiza no lobo temporal mesial anterior), a qual se encontra estrategicamente localizada para mediar os *inputs* e *outputs* emocionais (LeDoux, 2000; Heberlein & Atkinson, 2009). Para além deste circuito, o medo caracteriza-se por uma activação do sistema nervoso autónomo e um conjunto de respostas neurofisiológicas associadas, i.e., acompanha-se da segregação de adrenalina, de alterações do ritmo cardíaco e de alterações metabólicas, como o aumento de insulina (Ekman et al., 1983; Ekman, 2004; Freitas-Magalhães, 2007; Levenson et al., 1992).

1.2. PERCEPÇÃO EMOCIONAL

A percepção emocional através do rosto é um processo visual complexo, que envolve uma rede neurológica em que interagem diferentes áreas do cérebro (Adolphs, 2002; Gobbini & Haxby, 2007). A percepção de uma emoção relativa a um fenómeno específico depende da subjectividade da percepção do fenómeno em causa, da percepção do estado corporal que ele determina e da percepção da modificação dos processos de pensamento. Todos estes processos perceptivos e cognitivos estão associados a estruturas neurológicas específicas e em permanente interacção. Pesquisas recentes (Fusar-Poli et al., 2009) sugerem que a expressão facial da emoção é processada por uma rede neuronal bilateral que se estende ao

córtex visuo-límbico e às áreas do córtex pré-frontal, em que os processos neuronais subjacentes podem funcionar simultaneamente, promovendo um sistema de processamento bi-hemisférico da emoção, dependendo das características dos estímulos emocionais e das respectivas regiões cerebrais envolvidas (isto é, corticais/subcorticais).

1.3. EMOÇÃO, MEDO E ANSIEDADE SOCIAL

A teoria assume que o sistema emocional tem início na activação imediata de respostas do sistema nervoso central que, embora seja capaz de alternar rapidamente de um estado emocional para outro, produz apenas uma emoção de cada vez (Brehm, 1999).

Existe um número de perturbações emocionais em que a emoção de medo é o denominador comum, com consequências individuais, cognitivas e sociais. As fobias são, provavelmente, o melhor exemplo. Caracterizam-se por um medo de situações ou de relações interpessoais, medo da morte, de doenças, de sangue, de animais, e de determinados sítios, espaços, etc. (Ekman, 2004). As fobias e outras perturbações de ansiedade são caracterizadas como alterações nas respostas de medo, quer inatas, quer condicionadas. Estudos sugerem que as mulheres apresentam índices superiores de ansiedade e fobias, comparando com os homens (Kendler et al., 2001). Contudo, investigações recentes (Chen et al., 2009) suportam que as mulheres apresentam uma maior capacidade de resposta ao medo, quer ao nível comportamental, quer ao nível neurológico, associada às alterações hormonais, em interacção com alterações neurológicas (circuito cortico-límbico). Por exemplo, o hipocampo, que se destaca como uma estrutura crucial na expressão de comportamentos de defesa e está envolvido no condicionamento do medo, contém um elevado número de receptores de estrogéneo (Fitch & Denenberg, 1998). A questão hormonal encontra também expressão no homem. Estudos recentes apontam para uma correlação positiva entre os níveis de testosterona e a activação/resposta da amígdala para expressões faciais de medo e de cólera, com consequências comportamentais, especialmente ao nível da modulação da atenção e resposta a estímulos emocionais (Derntl, 2009).

As teorias cognitivas sugerem que a fobia e a ansiedade social são marcadas por alterações da informação social (Langner et al., 2009). No entanto, a fobia e a ansiedade social não são acompanhadas por uma melhor detecção das expressões faciais negativas (Scholfield, Coles, & Gibb, 2007) ou tendência para avaliar as expressões faciais mais negativamente (Philippot & Douilliez, 2005).

1.4. MEDIDAS DO MEDO

A revisão de literatura sobre medidas de avaliação aponta para escassez no que diz respeito à existência do método de escalas de avaliação do medo, embora se conheçam, em maior número, medidas de avaliação da ansiedade, fobia social e da dor (Hasenbring, et al., 2009; Heaton et al., 2007; Kristensen et al., 2009; Paschoal & Tamayo, 2004; Safren et al., 1999; Zhou et al., 2008).

Um dos instrumentos de medição do medo foi construído por Geer, em 1965 (Sulls and Wan, 1987), denominado *Fear Survey Shedule-II (FSS-II)*. Aquela escala consistia na classifi-

cação de 51 itens que descreviam uma determinada situação de medo. As respostas eram classificadas em três graus de intensidade do medo: algum, bastante e terror. Posteriormente, Sullis e Wan (1987) adaptaram a referida escala para 8 itens, com os mesmos graus de intensidade como resposta.

Na área da psicologia social e de personalidade, a escala desenvolvida por Watson & Friend (1969 cit. in Laery, 1983) *Fear of Negative Evaluation Scale*, consistia em avaliar o grau de medo de que uma determinada situação evoluísse negativamente. A escala agrupava 30 itens, de validação de dois pontos (verdadeiro/falso). Posteriormente, Laery (1983) adaptou a referida escala e verificou propriedades psicométricas em 12 itens, numa classificação de Likert de 5 pontos.

As escalas de medição do medo, que se conhecem, tendem a avaliar o medo associado a outros factores ou outros estados emotivos. Por exemplo, destacam-se os estudos mais recentes: *Fear of Pain Questionnaire – Short Form – FPQ-SF* (Asmundson et al., 2008), *Fear of Unintentional Rape Inventory* (FOURI) (Holz & DiLalla, 2007), *Fear Avoidance Beliefs Questionnaire* (FABQ-Brazil) (Abreu et al., 2008) e *Fear of Cancer Recurrence Inventory* (FCRI) (Simard & Savard, 2009).

Em Portugal, não se conhecem escalas de avaliação do medo. O objectivo deste estudo foi construir a Escala de Percepção do Medo (EPM), estabelecendo a sua validade psicométrica. Colocou-se a hipótese inicial da existência de uma escala bi-factorial: Medo Cognitivo e Medo Reactivo.

2. MÉTODO

2.1. CONSTRUÇÃO DA ESCALA

2.1.1. CONSTRUÇÃO DOS ITENS

A Escala de Percepção do Medo (EPM) foi constituída por duas partes: a primeira pela caracterização sócio-demográfica dos participantes e a segunda pelos itens de avaliação. Os itens foram construídos de raiz, a partir da revisão de literatura acerca da percepção do medo (Asmundson et al., 2008; McCracken et al., 1993; McNeill et al., 1998; Simard & Savard, 2009; Öhman, & Rück, 2007). Dos 42 itens iniciais, 16 foram excluídos por não representarem claramente o medo. Ao todo, foram propostos 26 itens de avaliação.

2.1.2. DESCRIÇÃO DOS ITENS

As perguntas foram: Quando sente medo fica em estado de alerta para qualquer situação que possa surgir? Já se sentiu estático ou bloqueado numa situação de medo? Considera que o mundo lhe provoca medo? Sente-se em alerta permanente? Tem medo de aranhas, baratas, abelhas, ratos, cobras? Tem medo de espaços fechados? Tem medo de sangue ou ferimentos? Já sentiu algum medo na infância? Sente medo numa situação de desempenho? Sente medo quando é observado? Sente medo quando interage com os outros? Sente medo quando tem de falar em público? Sente medo de estar sozinho em casa? Sente medo de sair de casa? O medo provoca reacções físicas? Quando sente medo tem pensamentos negativos? Pode perder medo de uma situação que habitualmente o faz sentir medo? O

medo altera a forma como vê a realidade? Quando sente medo isola-se? Só considera medo quando há perigo de morte? Considera o medo algo natural? Só de pensar num determinado objecto/situação fica com medo? Quando está com medo sente-se inquieto? Quando tem medo recorre a estratégias? Tem medo de espaços abertos? Para a elaboração dos itens foram consideradas as respostas que expressavam a emoção de medo e a percepção do respondente.

2.1.3. ESTUDO PRÉVIO

Os estudantes participantes indicaram 10 itens que se referissem ao medo. Como critério para manter o item na escala, pelo menos 8 estudantes deviam concordar com o item. Os itens foram apresentados de forma aleatória na parte inicial com instruções apropriadas para auto-administração.

Foi utilizada uma escala de cinco pontos para resposta: 1 - nem um pouco, 2 - um pouco, 3 - moderadamente, 4 - bastante e 5 - extremamente.

2.1.4. ANÁLISE SEMÂNTICA

Com o propósito de verificar se os itens propostos e as instruções apresentadas eram compreensíveis, o instrumento foi aplicado em 5 grupos de 20 pessoas. Foi solicitado a cada participante que respondesse ao questionário. No fim, foi solicitado aos participantes que apontassem as suas dificuldades em relação às instruções e aos itens. As instruções foram compreendidas pelos participantes tal como apresentadas e mantidas. Nenhum item foi modificado.

2.2.. VALIDAÇÃO DA ESCALA

2.2.1. PARTICIPANTES

As qualidades psicométricas e validação da Escala de Percepção de Medo (EPM) resultaram de cinco estudos efectuados em amostras independentes, num total de 251 participantes (Quadro 1.), 146 mulheres e 105 homens, com idades compreendidas entre os 12 e os 87 anos. A heterogeneidade da amostra reflectiu-se, igualmente, ao nível da escolaridade, profissão e estado civil. A média de idades dos participantes era de 36.6 anos (D.P.=20.94). 58.1 % da amostra global eram mulheres e 41.9% eram homens. O Quadro 2. apresenta a distribuição dos participantes por habilitações literárias.

Quadro 1. Caracterização da Amostra

	n	%
Mulheres	146	58,1
Homens	105	41,9
Total	251	100

Quadro 2. Habilitações Literárias

Escolaridade	%
4º ano	24,6
5º ano	29,8
9º ano	25,0
12º ano	7,5
Licenciatura	10,3
Mestrado	2,4
Doutoramento	0,4

Procedeu-se à análise dos vinte e seis (26) itens relacionados com o medo e a sua percepção. Os dados foram submetidos à análise de componentes principais e da consistência interna. A consistência interna foi analisada através do Coeficiente Alfa Cronbach.

2.2.2. INSTRUMENTOS

2.2.2.1. QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-DEMOGRÁFICA

Os dados referentes ao género dos participantes, à idade, às habilitações literárias, à profissão e ao estado civil, foram acedidos através de uma lista de opção de escolha múltipla.

2.2.2.2. ESCALA DE PERCEÇÃO DO MEDO

O instrumento utilizado para a realização deste estudo foi a Escala de Percepção de Medo (EPM), construída no âmbito da unidade curricular de Práticas de Investigação, do curso de Psicologia, da Universidade Fernando Pessoa, sob orientação do Professor Doutor Freitas-Magalhães.

A primeira parte da escala é constituída pelos dados sócio-demográficos que incluem o género, a idade, a escolaridade, a profissão e o estado civil. A segunda parte da escala conta com os 26 itens ordenados segundo uma escala de Likert, com cinco tipos de resposta de ocorrência: (1) Nunca, (2) Raramente, (3) Às vezes, (4) Muito Frequente e (5) Sempre. O objectivo visa identificar como os indivíduos percebem o medo e como o vivenciam.

2.3. PROCEDIMENTO

Os dados foram recolhidos no mês de Abril de 2009, em serviços públicos e privados.

Na apresentação do estudo e do respectivo questionário, os participantes foram informados dos objectivos, tendo sido assegurado o anonimato e o sigilo das informações. A aplicação do questionário não obedecia a um limite de tempo. Procedeu-se à análise quantitativa dos dados através do programa de tratamento estatístico SPSS 17.0 para Windows (análise do Alfa de Cronbach, Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e Scree Plot) e à análise descritiva dos dados sócio-demográficos.

2.4. ANÁLISE FACTORIAL

Inicialmente, foi verificada a factorabilidade da matriz gerada. Foram calculados os valores do teste de esfericidade de Bartlett (AIC) e do Kaiser-Meyer-Olkin (KMO). O passo seguinte foi a análise do *Scree Plot* para a verificação do número de factores que poderiam ser extraídos. Para a rotação e extração dos factores foi utilizado o método PAF (principal axis factoring), com rotação *varimax*. O pressuposto inicial foi de que o instrumento era constituído por 26 itens. A fim de assegurar que cada item representava o construto subjacente ao factor, foi estipulada uma saturação factorial mínima de 0.40 para aceitar o item. O cálculo da precisão da escala foi realizado por meio do coeficiente *Alpha de Cronbach*.

3. RESULTADOS

Os resultados dos estudos efectuados, que reuniram cinco amostras independentes, num total de 251 participantes, demonstraram valores equivalentes para a Escala da Percepção do Medo (EPM). A consistência interna (analisada pelo coeficiente *Alfa de Cronbach*) variou entre .75 e .91. Do ponto de vista psicométrico pode concluir-se que a Escala de Percepção do Medo (EPM) é um bom instrumento de avaliação e que reflecte os aspectos perceptivos e vivenciais do medo, bem como o contexto social em que o mesmo despoleta.

A partir da análise de componentes principais obteve-se o índice Kaiser-Mayer-Olkin (KMO=0.84) e o valor de esfericidade do teste de Bartlett (1352,79, $p < 0,001$). De acordo com o *Scree Plot* (Figura 1.) verificou-se a existência de 2 factores, os quais explicam 41,5% da variância, 24% para o primeiro factor. A análise factorial com rotação *varimax* mostrou que os factores encontrados são constituídos por 18 itens.

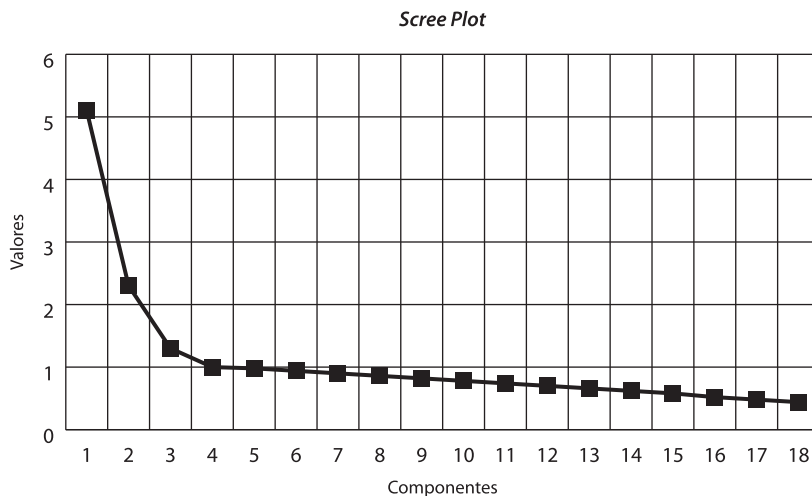


Figura 1. Análise *Scree plot*

A Tabela 1. apresenta os índices de saturação factorial para cada item. No total, 8 itens foram eliminados por apresentarem saturação factorial inferior a 0.40. A escala ficou constituída por 18 itens e obteve um coeficiente de *Alpha de Cronbach* de 0.82.

Tabela 1. Índices de saturação factorial para os 18 itens

	Descrição do item	Média	D.P.	Componente	
				Factor 1	Factor 2
6	Tem medo de água, alturas e escuridão	2.54	1.11	0.68	0.23
8	Tem medo de sangue e ferimentos	2.62	1.15	0.52	0.35
9	Já sentiu algum tipo de medo na infância	2.71	1.11	0.61	-0.42
12	Sente medo quando interage com os outros	2.55	1.06	0.47	0.43
13	Sente medo quando tem de falar em público	2.56	1.08	0.57	0.32
14	Sente medo de estar sozinho em casa	2.27	1.07	0.65	0.22
16	O medo provoca reacções físicas	2.27	1.07	0.65	-0.27
17	Quando sente medo tem sentimentos negativos	2.68	1.19	0.72	-0.20
23	Só de pensar no objecto/situação que lhe provoca medo sente-se mal	2.61	1.05	0.57	0.30
5	Tem medo de aranhas, abelhas, baratas, etc.	2.60	1.13	0.85	0.13
7	Tem medo de espaços fechados	2.75	1.19	0.37	0.46
15	Sente medo de sair de casa	2.62	1.10	0.44	0.52
2	Já se sentiu bloqueado numa situação de medo	3.46	1.99	-0.28	0.39
3	Considera que o mundo lhe provoca medo	2.87	1.06	0.11	0.68
24	Quando está com medo sente-se inquieto	3.17	1.08	-0.15	0.53
26	Tem medo de espaços abertos	2.59	1.13	-0.75	0.68
4	Sente-se em alerta permanente	2.67	1.04	0.36	0.52
11	Sente medo quando é observado	2.70	0.99	0.21	0.55

Através da Tabela 1 verifica-se que se destacam os itens 2 e 24 ($M=3.46$ e $M= 3.17$, respectivamente) como padrão de resposta (medo reactivo) e os itens 3, 7 e 9 ($M=2.87$, $M=2.75$ e $M=2.71$, respectivamente) (medo cognitivo).

4. DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

O objectivo deste trabalho consistiu em construir e validar uma escala de percepção de medo, de fácil aplicação para os dois géneros, em diferentes faixas etárias e habilitações literárias.

Partiu-se do pressuposto de que seria uma escala bi-factorial (dois tipos de medo: cognitivo e reactivo). A análise factorial confirmou o agrupamento dos itens em dois factores de avaliação.

A escala inicial era composta por 26 itens. Após análise dos componentes principais, submetidos a rotação varimax, verificou-se uma dispersão da saturação factorial dos itens de análise, com valores inferiores a 0,40.

Posteriormente, optou-se pela exclusão dos itens de saturação baixa (6 itens), de interpretação dúbia, procedendo-se à análise de 18 factores. A exclusão dos itens não prejudicou o conteúdo da escala, na medida em que cada item eliminado tinha um correspondente entre os itens mantidos.

A análise da consistência interna revelou um elevado Alfa de Cronbach (.82), o que, do ponto de vista psicométrico, leva a concluir que a Escala de Percepção do Medo (EPM) é um bom instrumento de avaliação e que, pela sua natureza e conteúdos, reflecte os aspectos

perceptivos e vivenciais do medo, bem como o contexto social em que o mesmo despoleta. Os resultados encontrados confirmaram que o medo pode ser estruturado a partir das dimensões reactiva e cognitiva. A escala pode ser aplicada dos 12 aos 87 anos e pode ser facilmente respondida, em menos de 5 minutos.

A sua aplicabilidade é vasta. Em investigação, a Escala de Percepção do Medo (EPM) pode ser utilizada no estudo do impacto do medo na sociedade. Em contextos clínicos consiste numa ferramenta de diagnóstico. Pode contribuir para a identificação dos principais antecedentes e consequentes do medo. A sua aplicação periódica pode oferecer informações pertinentes sobre a vivência do medo e orientar em estratégias para o modelar.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, A.M.; FARIA, C.D.; CARDOSO, S.M., & TEIXEIRA-SALEMA, L-F. (2008). Versão Brasileira do Fear Avoidance Beliefs Questionnaire. *Cadernos de Saúde Pública*, 24: 615-623.
- ADOLPHS, R. (2002). Recognizing emotion from facial expressions: psychological and neurological Mechanisms. *Behavioural and Cognition Neuroscience Reviews*, 1: 21-62.
- ASMUNDSON, G.J.G.; BOVELL, C.V.; CARLETON, R.N., & MCWILLIAMS, L.A. (2008). The fear of pain questionnaire – Short form (FPQ-SF): Factorial validity and psychometric proprieties. *Pain*, 134: 51-58.
- CHEN, W.; SHIELDS, J.; HUANG, W.; & KING, J.A. (2009). Female fear: influence of estrus cycle on behavioural response and neuronal activation. *Behavioural Brain Research*, 201: 8-13.
- DAVIS, W.A. (1987). The varieties of fear. *Philosophical Studies*, 51: 287-310.
- DERNTL, B.; WINDISCHBERG, C.; ROBINSON, S.; KRYPIN-EXNER, I.; GUR, R.C.; MOSER, E., & HABEL, U. (2009). Amygdala activity to fear and anger in healthy young males in associated with testosterone. *Psychoneuroendocrinology*, 34: 687-693.
- EKMAN, P., LEVENSON, R.W., & FRIESEN, W.V. (1983). Autonomic nervous system activity distinguishes between emotions. *Science*, 221: 1208-1210.
- EKMAN, P. (2004). *Emotions revealed. Understanding faces and feelings*. Phoenix, London.
- FITCH, R.H. & DENENBERG, V.H. (1998). A role of ovarian hormones in sexual differentiation of the brain. *Behaviour Brain Science*, 21: 311-327.
- FREITAS-MAGALHÃES, A. (2007). *A psicologia das emoções: o fascínio do rosto humano*. Edições Universidade Fernando Pessoa.
- FUSAR-POLI, P., PLACENTINO, A., CARLETTI, F., ALLEN, P., LANDI, P., ABBAMONTE, M., BARALE, F., PEREZ J., MCGUIRE P. & POLITI P.L. (2009). Laterality effect on emotional faces processing: ALE meta-analysis of evidence. *Neuroscience Letters*, 452: 262-267.
- GOBBINI M.I. & HAXBY, J.V. (2007) Neural systems for recognition of familiar faces, *Journal of Neurophysiology*, 45: 32-41.
- HASENBRING, M.I.; HALLNER, D., & RUSU, A.C. (2009). Fear-avoidance and endurance-related responses do pain: Development and validation of the avoidance-endurance questionnaire (AEQ). *European Journal of Pain*, 13: 620-628.
- HEATON, L.J.; GARCIA, L.J.; GLEDHILL, L.W.; BEESLEY, K.A.; & AND COLDWELL, S.E. (2007). Development and validation of the Spanish intervalar scale of anxiety response (ISAR). *Anesthesia Progress*, 54: 100-108.
- HEBERLEIN, A.S. & ATKINSON, A.P. (2009). Neuroscientific evidence for simulation and shared substrates in emotion recognition: beyond faces. *Emotion Review*, 1: 162-177.
- HOLZ, K.B. & DILALLA, D.L. (2007). Men's fear of unintentional rape: Measure development and psychometric evaluation. *Psychology of men and Masculinity*, 8: 201-214.

- KENDLER, K.S.; THORNTON, L.M.; PRESCOTT, C.A. (2001). Gender differences in the rates of exposure to stressful life events and sensitivity to their depressogenic effects. *American Journal Psychiatry*, 158: 11-20.
- KRISTENSEN, A.S.; MORTENSEN, E.L., & MORS, O. (2009). The structure of emotional and cognitive anxiety symptoms. *Journal Of Anxiety Disorders*, 23: 600-608.
- KINDT, M.; BIERMAN, D., & BROSSCHOT, J.F. (1997). Cognitive bias in spider fear and control children: Assessment of emotional interference by a card format and single-trial format of the strop task. *Journal of experimental Child Psychology*, 66: 163-179.
- LANGNER, O., BECKER, E.S., & RINCK, M. (2009). Social anxiety and anger identification: Bubbles reveal differential use of facial information with low spatial frequencies. *Psychological Science*, 3: 1-5.
- LEARY, M. R. (1983). A brief version of the fear of negative evaluation scale. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 9: 371-375.
- LEDOUX, J.E. (2000). Emotions circuits in the brain. *Annual Review of Neuroscience*, 23: 155-184.
- LEVENSON, R.W., EKMAN, P., HEIDER, K., & FRIESEN, W.V (1992). Emotions and autonomic nervous system activity in the Minang-kabau of West Sumatra. *Journal of Personality and Social Psychology*, 49: 1416-1426.
- MCCRACKEN, L.M.; ZAYFERT, C. ; & GROSS, R.T.(1993). The pain anxiety symptoms scale: development and validation of a scale to measure fear of pain. *Pain*, 7: 45-50.
- MCNEILL, D.W & RAINWATER, A.J.(1998). Development of the fear of pain questionnaire-III. *J Behav Med*, 21: 389-410.
- ÖHMAN, A. & RÜCK, C. (2007). Four principles of fear and their implications. In J. Rottenberg & S. Johnson, (Eds), *Emotion and psychopathology: Bridging affective and clinical science*. (pp. 167-189). Washington, DC, US: American Psychological Association.
- PASCHOAL, T. & TAMAYO, A. (2004). Validação da escala de estresse no trabalho. *Estudos de Psicologia*, 9: 45-52.
- PHILIPPOT, P. & DOUILIEZ, C. (2005). Social phobics do not misinterpret facial expression of emotion. *Behaviour Research and Therapy*, 43: 639-652.
- SAFREN, S.A; HEIMBERG, R.G.; HORNER, K.J.; JUSTER, H.R.; SCHNEIER, F.R.; & LIEBOWITZ M.R.(1999). Factor structure of social fears: The Liebowitz Social Anxiety Scale. *Journal of Anxiety Disorders*, 13: 253-270.
- SIMARD, S. & SAVARD, J. (2009). Fear of Cancer Recurrence Inventory: development and initial validation of multidimensional measure of fear of cancer recurrence. *Support Care Cancer*, 17: 241-251.
- SCHOLFIELD, C.A., COLES, M.E., & GIBB, B.E. (2007). Social anxiety and interpretation biases for facial displays of emotion: Emotion detection and ratings of social cost. *Behaviour Research and Therapy*, 45: 2950-2963.
- SULLS, J. & WAN, C.K. (1987). In search of the false-uniqueness phenomenon: fear and estimates of social consensus. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52: 211-217.
- ZHOU, X.; XU, Q.; INGLÉS, C.J.; HIDALGO, M.D.; & GREVA, A.M. (2008). Reliability and validity of the Chinese version of the social anxiety scale for adolescents. *Child Psychiatry Hum Dev*, 39: 185-200.